

A DIMENSÃO ESTÉTICA E SÍMBOLICA DO CORPO QUE DANÇA NAS TRADIÇÕES DO CANDOMBLÉ

Ingrid Patrícia Barbosa de Oliveira¹
Rosie Marie Nascimento de Medeiros²

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Dança; Cultura; Estética.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que vem construindo saberes que permitem pensar o sagrado, a ancestralidade, a estética, os símbolos nas danças da tradição do Candomblé, as danças dos orixás.

Temos como base teórica primordial os estudos de Merleau-Ponty que traz à tona a fenomenologia, com o entendimento de corpo sensível. Valorizamos também as produções de Nóbrega (2010) que ao interpretar a obra desse filósofo nos aproxima do olhar fenomenológico de forma mais aplicada a Educação e Educação Física. Para discutir sobre a experiência estética recorreremos a Dufrenne (1998) e Porpino (2006). Para alicerçar os conceitos sobre o sagrado e o símbolo temos a obra de Eliade (2001). Para estudar o contexto da cultura nagô estão sendo significativos os escritos de Santos (2002), dentre outros que vem colaborando com as tradições dos cultos afro-brasileiros.

Este trabalho justifica-se pelo encantamento com a temática e pela forma inusitada em que se deu o encontro da pesquisadora com o universo de estudo. Além disso, percebemos a necessidade de ampliar as discussões sobre o tema, pois reconhecemos que existe uma carência de reflexões sobre o corpo em sua vivência com o sagrado, com a ancestralidade, pois acreditamos que a sacralidade vivida no contexto do Candomblé podem nos conduzir a novos desencadeamentos no sentido de pensar concretizações no âmbito da Educação Física.

Compreendemos que a cultura do Candomblé se constitui não só do conflito entre brancos e negros, nem da miscigenação entre culturas, mas de uma complexa configuração que abarca uma série de alianças e conflitos entre tantos atores sociais que com suas posições ideológicas vão constituindo a cada momento diferentes formas religiosas denominadas afro-brasileiras (DANTAS, 1988).

No panorama dos cultos afro-brasileiros, dentre a diversidade e heterogeneidade existente escolhemos o universo da casa de cultura de matriz africana *Ilê Asé Dajô Oba Ogodô*. Neste terreiro, desfrutamos de experiências sensíveis que extrapolam os rituais públicos. Essa forma de vivenciar “desde de dentro” de acordo com Santos (2002) nos conduz a estabelecer uma comunicação sensível com o corpo, natureza e cultura, convivendo com a tradição numa dimensão estética que se expressa por meio dos sentidos investidos de plasticidade, texturas, sabores, odores, cores e sons pertencentes aos contextos do terreiro.

Assim, na tentativa de elucidar essas experiências, apresentamos o seguinte objetivo: Refletir sobre corpo nas danças ritualísticas da cultura do Candomblé e o seu entrelaçamento com os símbolos, a estética e a cultura.

METODOLOGIA

Optamos pela orientação fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty. Essa metodologia valoriza a experiência vivida, pois permite perceber o fenômeno a partir dele mesmo, ou seja, do seu olhar distanciado que pode vislumbrar o desvelamento do fenômeno,



fomentando novos significados, chamada de redução fenomenológica. Segundo Merleau-Ponty (1999) é um rompimento com nossa familiaridade com os sentidos do mundo, recusar nossa cumplicidade, colocando-a fora de jogo, para uma melhor compreensão.

O afastamento filosófico está permitindo criar novos arranjos para o conhecimento do corpo nos rituais do Candomblé, que através da interpretação fenomenológica que se configura como sendo a última etapa, poderemos enxergar o objeto de modo peculiar e único. Com este percurso, estamos realizando uma leitura do corpo que dança no Candomblé, abarcando o universo dos símbolos e os traços da cultura como contexto para evocar novos olhares para o corpo.

Para desvendar as correspondências simbólicas e interpretar o acontecer ritual estamos analisando o ser que dança nos diversos tempos e espaços que a dança se manifesta no *Ilê*, nos *xirês*, na cozinha, no terraço e em todos os tempos e espaços que os fiéis se põem a dançar. Nesta ocasião, estamos analisando a dança de Iemanjá, Nanã e Oxum que representam o elemento água, mas também vamos investigar as danças de Oxóssi, Obaluaíê e Ossãe que tem a terra como representação.

Antes da teorização, a tarefa consiste em buscar por palavras, gestos, vivências, pensamentos, conceitos, símbolos e imagens da cultura do Candomblé que vão ser alcançadas e interpretadas na trajetória metodológica. Como revela Nóbrega (2010), são etapas que vão permitir encontrar e organizar os traços mais significativos, assim como elaborar múltiplos sentidos para melhor compreender e configurar uma teoria sobre o fenômeno estudado.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com as aproximações com os conceitos de corpo, fenomenologia, estética e cultura pudemos investigar este universo em que o corpo se faz valorizado, potente, criativo e que nas experiências estéticas desfrutam da experiência da beleza, da sensibilidade, da descoberta do sentido da vida. Compreender a experiência estética do dançar nas tradições do Candomblé e os simbolismos que se constituem nas diversas atividades do terreiro é, portanto, poder abrir novos caminhos para a compreensão não-fragmentada da existência humana, rompendo com a visão racionalista e dicotomizada que predomina ainda na educação.

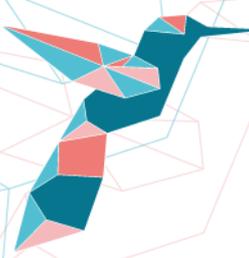
Assim, consideramos que a vivência estética das danças do Candomblé aflora possibilidades de resistências à ideia de fragmentação do ser humano. Partimos da assertiva de que as situações vividas neste estudo são emblemáticas para abordamos essa manifestação como fenômeno estético. Nesta ocasião, estamos tramando sentidos e significados para esboçar saberes provisórios e inacabados sobre o fenômeno do corpo e do simbolismo dinamizado nas relações estabelecidas com o vivido, com os símbolos, com o sagrado, com o outro.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Esta pesquisa não contou com financiamento para a sua realização.

REFERENCIAS

- DANTAS, B. G. *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DUFRENNE, M. *Estética e Filosofia*. 3 ed. Trad. Roberto Figurelli. São Paulo:Perpectiva, 1998.
- MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. 3 ed. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: editora Perpectiva, 1999.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

ELIADE, M. *Imagens e Símbolos*. Tradução de Sônia Cristina Tamer. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
NÓBREGA T. P. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Livraria da física, 2010.
PORPINO, K. O. *Dança é Educação: interfaces entre corporeidade e estética*. Natal, RN:EDUFRN, 2006.
SANTOS, J. E. *Os nagôs e a morte*. 11^a.ed. Rio de Janeiro, Petrópolis:Vozes, 2002.

¹ Especialista em Ensino de Educação Física – UFRN – ingrid.oliveira@ifrn.edu.br

² Doutora em Educação – UFRN – rosiemarie@ufrn.edu.br